

Dessa vez, alvo do grampo foi a polícia

Carlos Eduardo 29.11.95



Chelotti, acusado de se manter no cargo com chantagens: "fitas são editadas"

Leandro Fortes
Da equipe do **Correio**

Um mundo de intrigas, chantagens, grampos telefônicos, traições e denúncias de corrupção desabou ontem sobre o edifício-sede da Polícia Federal. Numa reportagem de sete páginas, a última edição da revista **Carta Capital** acusa o diretor-geral da PF, delegado Vicente Chelotti, de acobertar escândalos e de chantagear o presidente Fernando Henrique Cardoso como forma de se perpetuar no cargo. O autor da reportagem, jornalista Bob Fernandes, teve acesso a 38 fitas com conversas grampeadas de Chelotti e outros policiais federais.

De acordo com a revista, a origem do poder de Chelotti são fitas nunca reveladas dos grampos que, em novembro de 1995, detonaram o escândalo do Sivam, as denúncias de irregularidades na concorrência do Sistema de Vigilância da Amazônia que envolveram — e derrubaram — o ex-ministro da Aeronáutica Mauro Gandra, o ex-chefe do Cerimonial do Palácio do Planalto, embaixador Júlio César Gomes, e o ex-presidente do Incra, Francisco Grazziano. Com Grazziano, mentor do grampo, trabalhava Paulo Chelotti, agente da PF e irmão do diretor-geral. As fitas reveladas demonstraram haver tráfico de influência em relação ao Sivam, mas o fato de a Polícia Federal ter grampeado o Palácio do Planalto não foi suficiente para Chelotti ser demitido. A partir de então, surgiu a suspeita de que Vicente Chelotti tinha guardado

para si fitas secretas com conversas do próprio presidente.

A revista afirma que, entre um drinque e outro, o diretor da PF costuma dizer que tem o presidente Fernando Henrique "nas mãos". "Essas fitas foram editadas", argumentou Vicente Chelotti. Ele alega ter feito vários desabafos a muitos amigos e colegas dizendo justamente o contrário. "Eu dizia: por que esse pessoal (principalmente a imprensa) fica dizendo que eu tenho fitas que comprometem o presidente? Porque insistem que ninguém me tira do cargo?", contou o diretor da PF. Chelotti acredita, portanto, que alguém editou as fitas, deixando gravado apenas o final das frases.

EXONERAÇÃO

A primeira medida tomada ontem por Chelotti foi encaminhar ao Ministério da Justiça o pedido de exoneração do agente Celso Lemos, a quem a revista atribui poderes de eminência parda dentro da Polícia Federal. Lemos já estava licenciado do cargo de assistente de assuntos especiais por estar sendo investigado, junto com os delegados Jairo Kullman (superintendente da PF no Rio) e Mauro Spósito (superintendente em Manaus), por suposta malversação de verbas de um convênio entre a PF e o INSS.

Ainda assim, ele continuava trabalhando, com os outros dois, numa sala contígua à de Chelotti na sede da PF em Brasília. Cuidava das demandas judiciais da instituição porque, segundo o diretor, domina muito a

área de Direito. Celso vai ser exonerado, no entanto, porque falou demais. Em um dos trechos das gravações, ele comenta que, se Chelotti não se comportasse direito, iria se aliar à Federação Nacional de Policiais Federais para derrubá-lo do cargo. "Perdi a confiança nele (Celso). Quem manda aqui sou eu", disse Chelotti.

A revista **Carta Capital** também levanta a possibilidade de que a Polícia Federal acompanha com demasiado interesse as investigações sobre a quebra do Banco Econômico, em 1996, com o objetivo de atingir o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). No inquérito levado a cabo pela superintendência da PF na Bahia, o nome de Antonio Carlos apareceria como acionista da Allied-Trans World Trade Company, uma empresa financeira com sede no paraíso fiscal das Ilhas Cayman.

O sócio do senador seria ninguém menos que o ex-banqueiro Ângelo Calmon de Sá, o ex-dono do Econômico, acusado de ter montado um esquema de contas-fantasma e de evasão ilegal de divisas. Por meio de sua assessoria, ACM mandou dizer o seguinte: "Desafio a Polícia Federal e qualquer brasileiro que tenha qualquer coisa contra minha moral".

Chelotti atribui as gravações publicadas pela revista à Divisão de Repressão a Entorpecentes (DRE), cujo diretor, Carlos Alberto Cavalheiro, foi demitido no fim de janeiro. Atualmente, Cavalheiro trabalha no gabinete do senador Romeu Tuma (PFL-SP), ex-diretor da PF e arquiinimigo de Chelotti.